

O inferno da inflação não ficou para trás

» SACHA CALMON
Advogado

Sergio Lamucci nos apresenta uma análise da carestia. O retrato da inflação oferecido pelo IPCA-15 de maio deixa claro que o Brasil continua no inferno da inflação, ao contrário do que disse na semana passada o ministro da Economia, Paulo Guedes. As pressões inflacionárias seguem disseminadas, com altas fortes dos preços de serviços, produtos industriais, combustíveis e alimentação no domicílio. Mesmo com a deflação expressiva das tarifas de energia elétrica, de 14,09%, o indicador teve aumento de 0,59%, bem acima do 0,45% do consenso apontado pelos analistas. Em 12 meses, a variação acumulada passou de 12,03% em abril para 12,2% em maio, a maior desde novembro de 2003. É um número muito superior à meta deste ano, de 3,5%. Quase três quartos dos itens do IPCA-15 de maio tiveram alta, como mostra o índice de difusão, de 74,93%. É um percentual inferior aos 78,75% do mês anterior, mas bem superior aos 67,57% de maio de 2021, de acordo com números da MCM Consultores Associados.

“A inflação continua espalhada pela economia, apesar do forte ciclo de alta da Selic promovido pelo Banco Central (BC), que elevou a taxa de 2% ao ano em março do ano passado até os atuais 12,75%. Em junho, os juros básicos devem subir mais 0,5 ponto percentual, e não se pode descartar nova elevação em agosto. Os preços da alimentação na rua contribuíram para o IPCA-15 desacelerar de 1,73% em abril para 0,59% em maio, mas a alta da comida em casa continua muito expressiva. Passou de 1,71% para 3%, um aumento ainda muito forte. Em 12 meses, a variação acumulada subiu de 15,4% para 16,79%.”

Essa inflação elevada e persistente dos preços da alimentação no domicílio ajuda a corroer a popularidade do presidente Jair Bolsonaro, especialmente entre a população de menor renda. O IPCA-15 de maio mede a inflação entre a segunda metade de abril e a primeira metade deste mês.

O quadro também é preocupante na inflação de serviços, que acelerou de 0,59% para 1% de abril para maio. A reabertura da economia, com o fim das restrições à mobilidade social por causa da covid-19, contribui para a alta expressiva das cotações desses itens. Em 12 meses, a variação pulou de 6,68% para 8,16%.

“A inflação subjacente de serviços, que concentra os itens que mais respondem à demanda, também teve aumento significativo. Avançou de 0,67% em abril para 0,98% em maio, fazendo o acumulado em 12 meses saltar de 7,4% para 8,36%, como mostram os números. A medida subjacente de serviços exclui os grupos de serviços domésticos, cursos, turismo e comunicação, menos sensíveis ao ciclo econômico.”



A coleção de más notícias não termina por aí. Os produtos industriais viram a inflação acelerar de 0,87% para 1,62%, num cenário em que a guerra entre Rússia e Ucrânia contribui para problemas nas cadeias globais de suprimentos, um processo que havia se iniciado com a pandemia.

Em 12 meses, os preços de bens industriais subiram 14,41% no acumulado até maio. É o maior aumento da série da MCM iniciada em julho de 2000. Até abril, a alta era de 13,7%. A média dos cinco núcleos acompanhados com mais atenção pelo BC mostrou mais uma vez um quadro difícil para o combate à inflação. Medidas que procuram reduzir ou eliminar a influência dos itens mais voláteis, esses cinco núcleos subiram em média 1,1% em maio, depois de aumentar 0,87% em abril. Com isso, o acumulado em 12 meses passou de 9,34% para 10,14%, superando os dois dígitos. É mais um sinal de que a inflação não está concentrada em poucos itens.

A deflação de energia elétrica foi o principal fator que contribuiu para uma inflação mais baixa no IPCA-15 de maio. Desde meados de abril passou a valer a bandeira verde, pela

qual não há cobrança adicional na conta de luz. Com isso, o recuo do item foi de 14,09%.

Sem esse efeito, o indicador teria subido 1,28%, em vez de 0,59%. Os preços dos combustíveis, a obsessão de Bolsonaro, subiram 2,05% em maio. Uma alta forte, ainda que inferior aos 7,54% do indicador de abril. O descontentamento com os reajustes desses produtos é o que explica mais uma troca de presidente da Petrobras — na segunda-feira à noite, o governo anunciou a demissão de José Mauro Coelho do comando da estatal e a indicação de Caio Mário Paes de Andrade para o posto.

O panorama para a inflação, como se vê, segue complicado. O inferno inflacionário não ficou para trás. Isso deve exigir juros altos por um tempo significativo, o que vai afetar a atividade econômica no segundo semestre e no ano que vem. A volta da inflação à trajetória das metas, de 3,5% em 2022 e 3,25% em 2023, não deverá ser fácil.

Ocorre que as eleições estão aí. Bolsonaro não fez nenhuma obra significativa. Tal como Lula, mudou nomes, mas fez o mesmo que seu adversário: populismo puro, com fins eleitorais (Casa Verde-Amarela e Auxílio Brasil).

O Brasil na geopolítica do alimento

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Pesquisador da Embrapa Agroenergia

O conceito de geopolítica pode adquirir variados matizes, mas é em geral associado ao impacto que a geografia tem nas estratégias e políticas de determinados países ou regiões. Certo nível de poder político pode ser vinculado, por exemplo, a países que controlam vias navegáveis e comércio ou que detêm recursos, como petróleo, gás natural, solos férteis, água. Enquanto no passado a geopolítica centrava-se na luta pelo controle de espaços, recursos e comércio, como forma de poder, mais recentemente o conceito ganha novas facetas e muito mais complexidade.

Muitos analistas consideram que há amplas evidências de que uma nova geopolítica está substituindo o projeto de globalização que, sustentado na lógica de um mundo sem fronteiras, ganhou força no pós-Guerra Fria. Essa nova geopolítica perpassa múltiplos domínios, exigindo mais conhecimento sobre a natureza interconectada dos sistemas naturais, sociais, econômicos, políticos e tecnológicos. Veja-se os desafios das mudanças climáticas, pandemia, guerra no leste europeu, inflação e distúrbios nos fluxos globais de insumos e alimentos — ocorrendo ao mesmo tempo, com variados tipos de riscos — alguns antes improváveis, mas que, de repente, se tornam reais.

Insegurança alimentar está entre os riscos geopolíticos mais perigosos, pelos efeitos que tem em todas as dimensões da vida em sociedade. Afinal, acesso ao alimento está na base da estabilidade e da paz no mundo. Antes mesmo das crises concomitantes que vivemos, persistentes sinais de alerta indicavam aprofundamento de assimetrias econômicas e sociais e ameaçador crescimento da fome e da desnutrição no mundo. Situação hoje agravada, com muitos governos perplexos frente ao desafio de prover suas populações com alimentos adequados a custos acessíveis.

A retomada da demanda ao fim de dois anos de pandemia não encontrou eco nas debilitadas cadeias globais de suprimentos, e a guerra Rússia-Ucrânia aviltou os preços do petróleo e do gás natural, provocando sérias rupturas nos fluxos de insumos e alimentos. O resultado é uma crise inflacionária de natureza global, sentida tanto por economias avançadas quanto por mercados emergentes e economias em desenvolvimento. A inflação de alimentos, medida pelo índice de preços da FAO (FFPI), que atingiu em 2021 o nível mais alto em uma década, deve infelizmente crescer ainda mais em 2022.

A atual crise aponta para duas situações que precisam capturar a atenção dos líderes e formuladores de políticas no Brasil, um grande produtor de alimentos e provedor-chave para inúmeros países ao redor do globo. A primeira diz respeito à necessidade — que é também uma oportunidade — de criar condições para que o Brasil produza uma excelente safra de alimentos nesse momento em que o mundo passa por enorme dificuldade. Tanto que uma das maiores lideranças do país, o ex-ministro Roberto Rodrigues, pede para 2022/23 um “plano safra de guerra” pela alimentação, causa humanitária das mais nobres, que poderá melhorar a nossa imagem internacional e, também, injetar recursos valiosos na nossa combatida economia.

A segunda situação diz respeito às mudanças que as atuais crises poderão provocar no futuro, com impactos para a agricultura e para o agronegócio exportador, que gera divisas tão necessárias para o país. Muitos acreditam que capacidade de produzir e prover alimentos pode se transformar em arma geopolítica, como a energia fóssil tem sido por muitos anos. Mas o exemplo excludente e insustentável do petróleo tende a afastar a possibilidade de paradigma semelhante emergir no futuro, ainda mais com alimento, que

é recurso ainda mais essencial que energia.

O mais provável é que se intensifiquem esforços para que o mundo disponha de maior diversidade de fornecedores de alimentos no futuro. Por exemplo, ninguém deveria ficar surpreso se China e Rússia buscassem criar um novo cinturão de produção em imensas áreas do hemisfério norte, que passam a ter estações de cultivo viáveis em função do aquecimento global. Mas mudanças ainda mais radicais poderão vir de inovações tecnológicas disruptivas, em especial as que ampliem capacidade produtiva nos países que não possuem terras agricultáveis suficientes.

Em artigo publicado em 2020 pela Academia de Ciências dos Estados Unidos (PNAS Vol. 117:32, 19131-19135), cientistas descrevem a modelagem de uma inusitada fazenda artificial, em estrutura vertical de 10 camadas, equivalente a um hectare de terra, formatada para produzir trigo com temperatura otimizada, luz artificial e altos níveis de CO₂, injetados como “fertilizante”. Estrutura modelada para produzir, anualmente, de 220 a 600 vezes o volume de trigo produzido em fazenda convencional. Tal fazenda artificial usaria espaços diminutos, eliminaria rigores e imprevisibilidades do clima, reutilizaria água e nutrientes e excluiria pragas e doenças.

Ficção científica, muitos dirão. Mas com disponibilidade de fontes renováveis e baratas de energia e aumentos nos preços de alimentos, tal modelo de produção poderá ganhar espaço, funcionando como usinas produtoras de alimento e recicladoras de carbono, operando em grande proximidade e sintonia com as cidades e consumidores cada vez mais exigentes em sustentabilidade. Esse é um exemplo de transformações que poderão acontecer em futuro não muito distante, e o Brasil só conseguirá participar delas se investir mais em ciência e inteligência estratégica.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Novo ciclo econômico

Para um mundo superpopuloso, em que os recursos naturais vão se esgotando em ritmo acelerado, urge providenciar, quanto antes, novos modelos de economia. De fato, o mundo vai ficando pequeno e apertado. Como as áreas de plantio e de exploração de minerais não podem ser reproduzidas, como acontece com a espécie humana, o jeito é buscar meios de aproveitar o que já foi produzido, ou reintroduzindo no mercado de consumo, ou aproveitando os materiais que ali estão, dando nova utilidade para esse produto.

O mundo do futuro está muito distante do atual modelo de economia e será aquele que possa garantir, ao menos, a sobrevivência do homem sobre o planeta. A água é um bom exemplo. Trata-se de um recurso escasso e precioso, seu reuso é, portanto, já uma realidade em muitas partes do globo. Cabem aos seres humanos resolverem, o quanto antes, os problemas criados por eles mesmos, sobretudo no que diz respeito às relações econômicas, baseadas hoje na produção e no consumo em larguíssima escala.

Trata-se aqui de um problema de dimensões planetárias e que agora está a exigir mudanças revolucionárias, a começar pela reeducação de cada indivíduo, colocando-o realisticamente diante da dupla opção: ou mudar a forma e sua relação com o mundo, ou buscar viver em outro planeta distante. O esgotamento dos recursos naturais é uma realidade inconteste e da qual não há fuga ou plano B.

O consumo diário e crescente de sete bilhões de indivíduos tem exigido, cada vez mais, recursos naturais que vão muito além da capacidade do planeta em prover. O resultado dessa descompensação pode ser evidenciado não apenas no grande número de conflitos armados e nas grandes levas de pessoas que migram em busca de oportunidade e alimentos, mas sobremaneira pela transformação paulatina do equilíbrio ecológico, com a advento do aquecimento global, escassez de água e poluição em níveis alarmantes de todo o ecossistema.

Mais do que em qualquer outra época na história da humanidade, estamos postos agora diante de uma grande encruzilhada. Essa é por exemplo a questão dos lixões a céu aberto e os aterros sanitários e que recentemente vêm preocupando autoridades e a comunidade aqui no Distrito Federal. Na busca de uma solução adequada para o descarte de tamanha quantidade de lixo e outros dejetos, temos que reformular o problema em sua origem, mudando nossa forma de produzir e de consumi-los.

Dentro dos modelos que temos atualmente de consumo desenfreado, feitos a qualquer preço, é óbvio que não poderá existir solução definitiva para as montanhas de lixo produzidas diariamente. Algum dia, todo esse lixo acabará por engolir a todos nós. Com a economia compartilhada, em que o indivíduo divide o uso dos bens econômicos duráveis, dispoendo para todos o que antes pertencia apenas a uma só pessoa, surgiu também, e vem ganhando cada vez mais, adeptos à chamada economia circular.

Inscrita dentro do desenvolvimento sustentável, é também conhecida como ecologia industrial e propõe, basicamente, que os resíduos da indústria sirvam para o desenvolvimento de novos produtos, dentro de um ciclo de reaproveitamento dinâmico e constante, mantendo esses resíduos dentro de um modelo circular positivo ou quase infinito. Em seu aspecto prático, a economia circular propõe o prolongamento máximo da vida útil dos produtos, objetivando “manter componentes e materiais em seu mais alto nível de utilidade e valor o tempo todo”.

Dentro desse novo modelo é privilegiada a mobilidade sustentável e o transporte público, entre outras medidas racionais de uso e desuso. Seus princípios são basicamente a preservação e o aumento do capital natural, a otimização na produção de recursos, o fechamento dos ciclos da economia, onde o desperdício não mais existe, os bens são reparados e reutilizados, com as matérias-primas vindas da reciclagem e não mais da extração direta da terra.

Além desses princípios, conta também a promoção de um novo paradigma social, em que as relações sociais entram, transformando o consumidor em utilizador do produto, partilhando em vez de acumulando bens. Dentro dessa nova forma de pensar a economia e o planeta, será importante também na eficácia do sistema, reduzindo danos a produtos e serviços necessários aos humanos como alimentos e habitação.

Da economia compartilhada poderá nascer um homem novo e ciente de suas responsabilidades com a preservação do planeta e da espécie.

» A frase que foi pronunciada

“Querem que vos ensine o modo de chegar à ciência verdadeira? Aquilo que se sabe, saber que se sabe; aquilo que não se sabe, saber que não se sabe; na verdade é este o saber.”

Confúcio

» História de Brasília

Brasília chorou a morte de Belo. Belarmino Elvidio Leite, filho do Orion, da Recapagem Orion. Perde a cidade um excelente rapaz, perde o comércio um excelente comerciante, perdemos, todos nós, um excelente amigo. (Publicada em 01.03.1962)